

FH NO VATICANO: João Paulo II alerta para problemas de terra e distribuição de renda mas também reconhece progressos

Papa pede pela reforma agrária

Presidente afirma que seu Governo está desenhando um cenário melhor na questão fundiária

Ricardo Amaral

Enviado especial • ROMA

Na primeira visita de Estado de um presidente brasileiro à Santa Sé em 171 anos de relações diplomáticas, o presidente Fernando Henrique Cardoso passou duas horas dentro do Estado do Vaticano e foi recebido em audiência reservada pelo Papa João Paulo II, que, sempre falando um português quase fluente, aproveitou dois momentos — um encontro reservado de 45 minutos na biblioteca e depois um discurso de 15 minutos — para demonstrar sua preocupação com a questão fundiária, a educação, o meio ambiente e as mazelas que afligem o povo brasileiro. Mesmo muito gripado e aparentando cansaço, o Papa fez questão de cumprir toda a agenda programada e fazer um discurso, sentado ao lado do presidente brasileiro. Lembrando a "fase turbulenta" da história recente do país, João Paulo II disse que o povo brasileiro vem readquirindo amadurecimento e respeito aos seus direitos e deveres.

No mesmo tom, Fernando Henrique lembrou os líderes religiosos brasileiros que se tornaram símbolo da luta pela democratização do Brasil. Com voz pausada e lendo vagarosamente o discurso, o Papa fez um apelo pela redistribuição de renda no Brasil, afirmando que compete aos dirigentes e operadores econômicos partilhar os recursos que não faltam e os bens de consumo. O Brasil, reconheceu o papa, tem feito um esforço para diminuir a distância entre pobres e ricos. Em seu discurso, preparado previamente e lido em português, Fernando Henrique condenou o lucro pelo lucro e disse que a criação de empregos é meta de seu Governo.

João Paulo II defende família e condena aborto e eutanásia

Para preservar João Paulo II, aos 78 anos — o Papa tem o semblante cansado e a mão esquerda treme muito —, alguns trechos do discurso não foram lidos, mas entraram da mesma forma para os anais do Vaticano como a palavra do Papa. Em um deles, o Papa condena as "legislações radicalmente injustas" como o aborto e a eutanásia. Em outra, lembrou a importância da reforma agrária para a democracia.

— O empenho por uma reforma agrária de acordo com as leis é fundamental para a causa democrática — disse.

Em seu discurso, feito em seguida, o presidente disse que o Brasil está melhor desde sua posse, inclusive na área fundiária.

— Obstáculos existem, mas podemos registrar desde já, e com satisfação, que as iniciativas do Governo no campo socioeconômico contam com o apoio da sociedade e apresentam resultado significativos. Na promoção e defesa dos direitos humanos e na busca de soluções para a questão agrária, sem perder de vista o muito que resta a fazer, va-

mos gradualmente desenhando um cenário melhor, muito diferente daquele com que nos deparávamos há apenas poucos anos — discursou o presidente, lembrando o esforço de João Paulo II para o fortalecimento das estruturas democráticas e a redução das desigualdades.

Falando português e demonstrando conhecimento de problemas internos do país, João Paulo II fez questão de mostrar sua afinidade com o Brasil. Elogiou o esforço de integração do Mercosul e reservou elogios aos progressos recentes feitos pelo país.

— Não escondo, senhor presidente, que tenho acompanhado com vivo interesse os acontecimentos da vida religiosa e social do seu país. O Brasil atravessa atualmente uma fase de progressivo desenvolvimento em todos os setores da vida nacional, que lhe permitem, graças a uma série de mudanças significativas, projetar-se em adiante com otimismo respeito ao futuro — discursou.

O lado religioso de um presidente que já disse ser ateu

Vestido com uma alinhada casaca preta, usando no peito a faixa presidencial e no pescoço a Ordem de Piano — reservada aos chefes de Estado em visita a Santa Sé —, o presidente Fernando Henrique Cardoso passou duas horas dentro do Vaticano sem conseguir se livrar de uma sina: a de ter que explicar sua declaração durante a campanha para prefeito de São Paulo quando disse ser agnóstico, ou, na linguagem popular, ateu. Segundo o presidente, o assunto não foi tratado em sua conversa reservada de 45 minutos com o Papa. Acompanhado de uma pequena comitiva e de sua mulher, Ruth — elegante em um vestido preto e com o rosto parcialmente coberto por um véu igualmente negro —, o presidente se esforçou para cumprir a cansativa agenda e o rigoroso cerimonial, na sede do catolicismo mundial. E não se fez de rogado: fez o sinal da cruz, repetindo gesto do Papa, e, durante visita à belíssima Basílica de São Pedro, ajoelhou duas vezes — uma na passagem pela Capela do Santíssimo Sacramento e outra em frente ao Altar Papal. Bastou o presidente deixar o Vaticano e o assunto foi inevitável.

— O senhor é mesmo ateu? — perguntou um jornalista.

— Quando se quer criar um caso que não existe é que se faz uma pergunta dessas. Eu tenho formação católica e conheço mais a Igreja do que muitos brasileiros — disse.

Depois, descreveu sua sensação na visita ao Vaticano.

— Estou comovido, é claro, porque realmente há todo um ambiente muito especial. Na verdade, não só o catolicismo, mas o cristianismo serviu de base para a formação brasileira. Pelo menos a minha. ■

• A REAÇÃO DO PRESIDENTE ÀS CRÍTICAS na página 4



FERNANDO HENRIQUE e dona Ruth rezam na Basílica de São Pedro: o presidente fez questão de lembrar sua educação católica

Sergio Marques